MEMÓRIAS DE UM ÓRFÃO DE PAI MORTO (Sl 146,9)

Olá, eu sou o Lopes Joaquim, antes de mais, importa fazer menção de que o texto a seguir está carregado de fortes emoções de um testemunho feito na primeira pessoa, pelo que contém algum conteúdo sensível, ao que se aconselha aos potenciais leitores, máxima firmeza, porque o autor já superou os episódios nele narrados.

Escrevo e considero-me órfão de pai morto, porque em Angola existem outras pessoas que são órfãos de pais vivos. A diferença entre nós, é que o meu pai já não vive, morreu fisicamente e os pais dos outros vivem apartados.

Não raras vezes já fui interpelado pela seguinte questão: ''em quem te inspiras?'', em minha resposta digo: Em Jesus Cristo.
Na verdade, perdi o meu pai em circunstâncias humanamente inaceitáveis. Vivíamos nós numa localidade chamada Cagigi (Cuanza-Sul), onde tínhamos a nossa fazenda, lá a vida era como que no paraíso, a guerra que se fazia no Waco ou no Ebo, estava longe de nos afectar, mas como a luz que brilha é cómoda aos olhos dos homens, além de familiares que nos visitavam frequentemente com boas ou más intensões, depois passamos a ser visitados por caravanas militares (FAPLA/FALA), nossa fazenda parecia um lugar bom de se pensar e viver em paz, comia-se e levava-se comida, da boa carne ao bom repolho, do bom tomate à boa batata, da boa cana de açúcar à boa banana ou abacate, quem não conhecia o Sr. Domingos Bumba! Pois bem, foi mesmo nesta fama de bom fazendeiro, amigo de todos que a morte chegou ao meu pai da forma mas trágica possível como narro a seguir.

Num dia qualquer do mês de Agosto, a mãe e a falecida mana Dionísia tinham ido à Cassamba fazer algumas compras de roupa para nós. Ficamos na fazenda com o pai, o falecido pai Manuel (primo do meu pai), a mana Julieta, eu, Teixeira e a Mariquinha. Naquele dia, terminamos o trabalho de campo (irrigação da plantação), ao fim do dia, tínhamos que subir todos à Mbindanda, localidade onde ficava o nosso castelo, mas, o pai contrariou a tradição neste dia, disse que pernoitaria na fazenda, lembro-me de que o pai Manuel e a mana Julieta ainda tentaram o convencer de que nós

não conseguiríamos dormir sem ele, porém, alegou um conjunto de razões e abençoou-nos na sua qualidade de pastor tocoista, e lá fomos convencidos, mas nossos corações não estavam tranquilos, porque pelo caminho se encontrássemos cobra, apenas o pai tinha a coragem de matar...chegados a casa no Mbindanda, cansados e consumidos pelo medo, alguns de nós jantaram e o pai Manuel ainda enrolou o seu tabaco, enquanto fumava, contava-nos estórias, mas nosso humor não mais estava connosco. Chegada a hora de dormir, pai Manuel foi no seu quarto e nós estendemos na sala. A verdade é que naquela noite não havia sono para gente, a casa parecia pesada e assombrada, foi que decidimos abrir a porta e ficarmos fora, onde nos sentia-mos mais ou menos bem contemplando o luar, eis que de repente um banho de aves invadiu-nos voando sobre nossas cabeças, tentávamos nos divertir com aquilo, mas parecia muito estranho aquele contacto inusitado com aves estranhas.

Atónitos, fomos forçados a entrar novamente e fechamos a porta, em seguida a mana Julieta pediu-nos que orássemos...oramos...em fim o sono apareceu....

Pela manhã, seriam 5 ou 6h, pai Manuel despediu-se de nós dizendo que iria à Fazenda ao encontro do pai e que nós não tínhamos necessidade de ir com ele, porque naquele dia não havia trabalho para nós, compreendido isto, voltamos a dormir.

Passadas duas 2 ou 3h, para o nosso espanto tinha voltado o pai Manuel, bateu a porta e abrimos admirados, perguntamos porquê tinha regressado tão cedo, disse-nos que o pai lhe mandara pegar a caixa de pregos e o jogo de lençóis novos que ele chamava ''lençóis especiais'', não satisfeitos com que o nos falava e pelo que víamos no seu semblante, insistimos que nos dissesse porquê o pai tinha mandado pegar aquelas coisas se na fazenda já tinha cobertas e aliás o frio da fazenda não se compadecia com aqueles lençóis, aí o pai Manuel não aguentou, fitando os olhos em nós sob suave pranto disse ''o primo morreu!''.....

Naquele instante, foi como que o céu tivesse caído sobre nós e a terra nos tivesse rejeitado, perdemos força que já era pouca fruto da noite pesada que tivemos, quisemos perguntar mais coisas, mas não tardou chegavam mais pessoas à casa para pegar algumas ripas de madeira que o pai tinha armazenado, qualquer dúvida que tivéssemos sobre a fatídica notícia, remetia-nos à observação.

E, as pessoas não paravam de chegar, para nos amparar e pegar as coisas e descermos à fazenda onde estava o corpo do pai e passaria o óbito.

Naquele dia, não vimos distância, ao longe ouvíamos os gritos de choros de gente que chorava meu pai, na medida em que nos aproximávamos do armazém onde jaziam os restos mortais do pai, os gritos aumentavam e um arrepio apoderou-se de mim, dispersamo-nos entre irmão e faltava-me coragem para ver e acreditar que aquilo fosse verdade.... a mana Minga achou-me e levou-me junto do corpo do pai banhado de sangue, o homem grande e respeitável que foi o meu pai reduzido em pedaços, disseram-me: ''Lopes, olha o teu pai'', pequeno na idade, não resisti por muito tempo, lembro-me ter saído a correr e escondi-me atrás de um dos celeiros.

Conta-se que pelos sinais, meu pai terá sido torturado, baleado inúmeras vezes e decapitado.

O motivo daquela sentença segundo relatos, meu pai foi traidor, terá faltado de ajudar alguém ou ajudou quem não deveria.

Mas, quem não teria razões para eliminar fisicamente o Sr. Domingos Bumba!

Tanto é que no óbito estavam lá todos, e as primeiras revelações e confissões surgiram no decorrer do óbito, que apesar do contexto de guerra, nada impediu um enterro digno aos restos mortais do meu pai, tenho e guardo comigo aquelas imagens, cujo o ponto mais alto foi a chegada da minha mãe e da mana Dionísia ao cair da tarde do mesmo dia vindos da Cassamba de onde trouxeram roupas que nunca chegamos de usar, porque o momento a seguir ao enterro dos restos mortais do meu pai, fomos vítimas de açambarcamento total, quem tivesse força e meio levaria maior quantidade de bens, desde produtos armazenados, peças de carro e trator, máquinas de costurar, rolos de arame, animais ou até dinheiro.

Morto o meu pai, Cagigi ou Mbindanda nada mais tinha para a gente, impunha-se o regresso à Medunda, Bairro onde os pais se conheceram, casaram e viviam os avós. O trajecto de regresso foi sofrível, sob suspeita de ataque e debaixo fortes chuvas, atravessamos Bairros e rios, quem tivesse ouvido falar de nós, chorava ao ver nossa caravana passar, atrás deixávamos uma vida inteira, a certeza do futuro, a boa vida que enchia de inveja qualquer um, porque na fazenda era casa, era Igreja, era parque infantil, era museu, era escola, era um paraíso na terra.

Lembro-me de muita gente boa doada à nós naquela altura, empurrando trolis (trotinete de madeira) carregados de sacos de fuba e macrueira (bombó seco), tudo quanto poderia levar no momento a minha mãe e nós (viúva e os órfãos), percorridos

quilómetros, ao cair da noite entramos na Medunda onde aguardava por nós um mar de gente, entre familiares e pessoas singulares que tinham conhecido o meu pai, foi uma noite de choros, aí sim, estava consumado, pus-me a chorar amargamente, afinal estava diante de uma realidade nova, Medunda era um Bairro estranho, embora tivesse nascido lá.

Neste novo recomeço da vida, hospedamo-nos em casa da falecida Avô Carlina (mãe da minha mãe), não obstante a nossa casa que ficava mais acima junto ao campo de futebol, minha mãe queria evitar trauma, lá na Avô Carolina tivemos uma terapia bem sucedida.

Passado o luto, cederam-nos terras para cultivar e havia necessidade de recomeçarmos. Nesta altura, eramos só nós para nós, meu irmão mais velho Joaquim, que até então vivia na cidade, entre Gabela e Wacu, não foi a tempo de assistir ao enterro do pai, mas chegara na noite do mesmo dia e viu-se obrigado a arriscar a vida por nós, tornava-se assim nosso pai, de quem o futuro dependeria.

O mano fez a leitura da situação, com enxada pouco ou nada poderíamos cultivar, buscou saber o paradeiro dos nossos bois, a mãe informou onde estavam e com quem estavam, das 7 cabeças, o mano pediu que nos dessem apenas uma junta para ajudar na lavra, porque a nossa agricultura costumava ser feita em grande escala com máquinas.

Mas, havia um problema, na Medunda falar de boi era escândalo, quanto mais de uma produção agrícola mecanizada! Aí a mãe sugeriu que nossos bois estivessem ao serviço de todos. Nesta conformidade, recuperamos a junta de bois (Suor e Upoxi), mano e eu arregaçamos as mangas, ele na charrua e eu na direcção, juntos trabalhávamos na lavra da família e outras vezes nas lavras do Soba Kalandula ou dos chefes das FAPLA na Comuna de Cassanje, ou ainda em lavras de particulares, tudo para garantir a nossa sobrevivência, protecção e reconhecimento.

Nesta rotina, tínhamos a nossa lavra a dar comida e como a rusga apertava, o mano Joaquim pela sua idade viu-se obrigado a arriscar entre balas e escapar para Luanda.

Sem notícias do mano, se tinha chegado ou não, a vida continuou, a mãe assumiu o duplo papel de pai e mãe simultaneamente, pediu à um parente cujo o nome não me vem a memória neste momento, que trabalhasse comigo na charrua e lá estávamos nós.

Nesta altura, aqueles que tinham comido com o meu falecido, sejam eles parentes, amigos ou colegas de oficio, viraram as costas à viúva e aos órfãos como quem diz: ''vamos ver até onde vai...'', houve ainda quem no meio da angustia que assolava a minha mãe, tinha tempo de vir aconselha-la a arrumar um marido, um novo pai para nós, supostamente para aliviar o sofrimento, depois de nos terem transformado em pedintes privando-nos da herança que o meu pai deixara.

E, estes tipos têm nomes e rostos, mas como o meu pai enquanto em vida serviu um Deus não vingativo, não caberia a nós fazer diferente, a cada fim do dia e em cada amanhecer, a mãe ensinava-nos a agradecer a Deus.

Não tardou, já tínhamos noticias do mano, em cada Natal mandava-nos roupas ou brindes (sambapito), como de costume no tempo do pai e a vida parecia voltar ao normal, aí eu socializei-me mais, mas não poderia exceder nas brincadeiras, porque apenas era miúdo na idade, mas as minhas responsabilidades eram de um jovem, talvez dái o ditado: ''o sofrimento educa''.

Por falar em sofrimento, Medunda era um Bairro vulnerável a rusga, vezes sob domínio das FAPLA outras vezes sobre domínio das FALA, como tinha algum pessoa vindo do Andulo (Professor Lukamba e família), era um Bairro conotado pelas FAPLA, por isso quando viessem, matavam indiscriminadamente.

Como na guerra o saque é legal, certa manhã, as FAPLA à quem tínhamos servido no Cassange, decidiram brindar-nos com um golpe final, levaram nossa junta de bois a pretexto de que as FALA tinham feito um saque anterior no Bairro, pelo que em resposta apenas a nossa casa foi arrasada.

Sem os bois para pastar, a vida parecia estranha para mim, abria-se uma nova página na vida, pegar em enxada e continuar.

Tendo ouvido sobre o sucedido, o mano Joaquim mandou-me chamar, para que eu viesse à Luanda estudar.

Nesta altura, fazer percurso Ebo-Gabela, era entregar-se à morte, pelos violentos debates que travavam no Cassongue, Morro do Topo ou no Wacu, a rusga já não tinha idade.

Mas, tão logo soube sobre a pretensão do mano, encarar-me com a possibilidade de viver em Luanda, não cabia em mim esta emoção, lembro-me ter sofrido bullying da parte das minhas manas Dionísia (de feliz memória) e da mana Julieta, porque eu tinha

ficado rafeiro, com os dedos cheios de bitacaias e desaprendido falar qualquer palavra em Português, diziam elas brincando obviamente: ''vão te atropelar...vais perder, em Luanda as casas são todas iguais...'', claro, no meio daquelas palavras reinava a saudade antecipada de um irmão menor querido e a vontade de ter a mesma sorte de conhecer Luanda.

Sob a tutela da Avô Madalena, à quem devo um carinho especial por tudo que passamos na nossa longa e infernal viagem a pé da Medunda até na Cassamba, caminhando entre noites e dias, escapando de rusgas, ficamos retidos na Cassamba cerca de uma semana, carro algum entrava, a comida que trazíamos estava acabando partilhando com outros companheiros de fuga que fomos encontrando pelo caminho, sucedeu que na Cassamba se quiséssemos comer algo quente, buscávamos por uma cozinha com lenha, cozinhávamos numa caneca de alumínio, o funge e o molho que era servido na folha e comíamos ao som dos tiros.

Na Cassamba existiam moços pagos para ocupar lugar ou ajudar a carregar a bagagem, nesta altura os transportes que circulavam eram apenas de mercadoria (DAF & IFA), sucedeu que a Avô Madalena pagou um daqueles moços e num belo dia, 13h já estávamos em cima dos sacos, Gabela era o destino, tudo quanto trazíamos de produto para ofertar aos parentes em Luanda, ficou pelos controles. Nesta viagem, tudo aconteceu, até saia vesti para não ser rusgado.

Pela noite a dentro entravamos na Gabela (na Sétima Velha), tudo era novo para mim, postos na casa de uns parentes onde nos hospedamos, nunca antes tinha comido funge de fuba amarela, foi o primeiro constrangimento no jantar, aqui lembro o meu contemporâneo Ezequiel, o Soma e outros que encontramos na mesma casa em transito para Luanda.

Perto de 2 ou 3 dias sensivelmente, terminava a estadia na Gabela e fazer-se ao Parque para pegar o Autocarro de Luanda, outro grande momento, a Avô Madalena mimou-me tanto e comprou-me de tudo um pouco para comer ao longo da viagem, neste percurso, visitava-me a saudade da mãe, dos irmãos na Medunda, sempre que visse uma montanha, pensava que fosse a nossa pedra da Medunda. Mas, o outro grande momento foi ao ver o mar pela primeira vez já na Barra do Cuanza.

Entramos em Luanda penso 20 ou 21h, descemos ai na RS (Gamek), com destino à casa do falecido tio Anibal (em feliz memória), lembro-me que, ao atravessar a estrada a Avô Madalena me puxava para frente e eu a puxava para trás, por pouco não fomos colhidos. Era Novembro do ano 2000. Pensando eu que a família em Luanda vivia no mesmo Bairro, ai fui informado que o mano Joaquim estava a viver no Futungo, mas viria a minha busca a qualquer momento, eis que dias depois lá vinha o meu irmão, não cabia em mim a emoção de voltar a ver o meu parceiro, o meu pai, o primogénito da minha mãe.

Postos no Futungo, começou o meu processo de educação sobre viver em Luanda, nesta altura lembro os primos Avozinho (Herculano), Bernardo, Nando (de feliz memória), que foram úteis para no aprendizado da Língua Portuguesa.

Em actualização....

Pelo autor,

As. Social Lopes Joaquim (Launda, 26/10/2022).